



ANÁLISE DO TECIDO URBANO NA ÁREA DE PLANEJAMENTO 3 (AP3) NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO/RJ

(1) BAHIANA, Julia R.; (2) COSTA, Nathália R. B.; (3) TANGARI, Vera R.;¹

(1) FAU-UFRJ; Graduanda; Rio de Janeiro - RJ; julia.r.bahiana@gmail.com

(2) FAU-UFRJ; Graduanda; Rio de Janeiro - RJ; nathaliaroachabc@hotmail.com

(3) FAU - UFRJ; Orientadora; Rio de Janeiro - RJ; vtangari@uol.com.br

RESUMO

O artigo expõe os resultados preliminares referentes à análise do tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro, levando em consideração a compartimentação do território em regiões administrativas. O trabalho é parte da pesquisa “*Crítérios de análise de territórios em áreas de expansão e renovação aplicados aos espaços livres, à forma urbana e à paisagem*”, desenvolvida pelo Grupo SEL-RJ, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-PROARQ-FAU/UFRJ.

O estudo apresenta o embasamento teórico e a metodologia para mapeamento da consolidação do tecido urbano, pautados na pesquisa de caráter nacional da Rede QUAPÁ-SEL, liderada pela FAU-USP. O padrão de classificação utilizado baseia-se em identificar os tecidos urbanos consolidados e não consolidados, a cobertura de vegetação arbórea ou rasteira, a localização de centralidades e de espaços livres de caráter especial. É realizada em escalas pré-definidas de 1/10.000 e 1/20.000 a partir de imagem satélite de alta resolução Geoeye de 2014, no programa ArcGis.

A pesquisa se pauta na análise dos territórios em áreas passíveis de expansão e renovação na cidade e tem como objetivo compreender e comparar a conformação da malha urbana nas regiões administrativas da Área de Planejamento 3 (AP3), correspondente à zona norte da cidade. Busca-se também avaliar de que maneira novos instrumentos de legislação urbanística e planos de renovação ou requalificação de determinadas áreas atuam e impactam positiva ou negativamente nos espaços livres urbanos. A partir dos resultados obtidos, a análise se mostra um instrumento útil capaz de produzir desdobramentos para o aprimoramento das políticas públicas que visam o planejamento do território e a qualificação da paisagem urbana.

Palavras-chave: Tecido urbano; áreas de planejamento; expansão territorial; Rio de Janeiro;

ANALYSIS OF THE URBAN TISSUE INSIDE THE PLANNING AREA 3 IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO/RJ

ABSTRACT

The article presents the results of an analysis of the urban tissue of the city of Rio de Janeiro, taking into consideration the municipal territory's subdivision into administrative regions. The work is part of the research "Analytical criteria of urban territories in areas of expansion and renovation applied to open spaces, urban form and landscape", developed by SEL-RJ Research Group, which is linked to the Graduate Program in Architecture-PROARQ-FAU/ UFRJ.

¹Colaboração dos alunos mestrandos Bruno R. E. Mendonça e Mariana Valicente, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ – FAU/UFRJ.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



The paper presents the theoretical and methodological basis applied for mapping the urban tissue's characteristics, based on the national research held by QUAPÁ-SEL Research Group, led by FAU-USP. The classification pattern used is a result of the identification of the consolidated and unconsolidated urban tissue, the arboreal or low vegetation coverage, the centralities' location and special open spaces for institutional use. The work is accomplished in predefined scales from 1/10,000 to 1/20,000 from a high-resolution satellite image, Geoeye 2014 in ArcGis software.

The research agenda follows the analysis of territories focusing on possible areas of expansion and renewal in the city and aims to understand and compare the conformation of the urban mesh inside the administrative regions of the Planning Area -AP-3, which corresponds to the north zone of the city. The goal is also to evaluate how new instruments of the urban legislation and renovation plans or redevelopment of certain districts cause a positive or negative impact on urban open spaces. From the obtained results, the analysis provides an useful tool capable of producing consequences that would help the improvement of public policies aimed to plan the territory and the quality of the cityscape.

Key-words: Urban tissue; planning areas; territorial expansion; Rio de Janeiro;

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a análise do tecido urbano das Regiões Administrativas de Anchieta, Pavuna, Madureira, Méier, Irajá, Vigário Geral, Penha, Inhaúma, Ramos, Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Jacarezinho e Ilha do Governador, localizadas na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro compreendidos na Área de Planejamento 3. O trabalho é parte integrante da pesquisa “Critérios de análise de territórios em áreas de expansão e renovação, aplicados aos espaços livres, à forma urbana e à paisagem”, como desdobramento de estudos anteriores desenvolvidos pelo laboratório QUAPÁ-SEL, com foco na relação entre espaços livres e a esfera pública na metrópole contemporânea (CAMPOS *et al.*, 2012), e pelo Grupo SEL-RJ, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ – FAU/UFRJ, com apoio da FAPERJ e do CNPq.

A análise do tecido urbano foi feita na escala da quadra urbana e utiliza uma classificação baseada na identificação dos seguintes aspectos: Tecidos urbanos consolidados, Tecidos urbanos não consolidados, Espaços com densa cobertura arbórea, Espaços com predominância de forrações, Centralidades e Espaços livres de uso especial.

Os conceitos dos referidos aspectos foram definidos de maneira preliminar como critério base para o mapeamento, podendo sofrer alterações posteriores de acordo com os desdobramentos da pesquisa, e são descritos abaixo:



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



- Quadras caracterizadas como quadras com *tecido urbano consolidado* aquelas resultantes de loteamento ou parcelamento e que apresentam ocupação com edificações em mais do que 50% de sua superfície.
- Quadras com *tecido urbano não consolidado* correspondem às quadras que sofreram processo de loteamento ou parcelamento, mas que apresentam ocupação com edificações em menos do que 50% de sua superfície.
- *Espaços com densa cobertura arbórea* são terras não parceladas e que apresentam mais do que 50% de sua superfície cobertos por vegetação arbórea, destacando-se de forma relevante na paisagem, geralmente inseridos em Áreas de Preservação Ambiental-APA, Áreas de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana-APARU's, Parques ou demais unidades de conservação.
- *Espaços com predominância de forrações* são terras não parceladas que sofreram algum processo de desmatamento ou processamento e que apresentam mais do que 50% de sua superfície cobertos por vegetação rasteira, correspondendo a áreas passíveis de ocupação.
- *Centralidades* foram definidas criticamente com base na partir da legislação vigente, que identifica setores e vias urbanos como Centro de Bairros (CB), sendo estabelecidas a partir dos seus usos, relevância viária e fluxo de pessoas e veículos, e consideradas a identidades referenciais para a Região Administrativa.
- *Espaços Livres de Uso Especial* são aqueles que merecem uma análise individual devido às suas características específicas de parcelamento, de definição legal, correspondendo na maioria das vezes como espaços institucionais, áreas militares e cemitérios.

2. SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES

O sistema de espaços livres possui uma grande relevância nas análises da presente pesquisa pela sua estreita relação com a caracterização do tecido urbano e com a sua consequente dinâmica de ocupação. Seu estudo é baseado no conceito de Miranda Magnoli (1982), e para efeito de nossa análise, foram divididos em três subgrupos: espaços livres de caráter urbano, públicos e privados, espaços livres de caráter ambiental, e espaços livres de caráter rural.

Dentre os espaços livres *de caráter urbano*, públicos e privados, são considerados os espaços passíveis de parcelamento e loteamento baseadas na legislação urbanística; os espaços de caráter ambiental são aqueles restritos a parcelamento e loteamento regidos por legislação de proteção ambiental – Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável -, os espaços de caráter rural são aqueles não passíveis de loteamento e parcelamento localizados fora do perímetro urbano.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Dentro da delimitação do Município do Rio de Janeiro não são encontrados espaços livres de caráter rural. Sendo assim, a caracterização se restringirá aos dois primeiros subgrupos.

Magnoli define o espaço livre como *“todo espaço não ocupado por um volume edificado. (Espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso)”* (MAGNOLI, 2006, p.179). Esse conceito de SEL é complementado por Macedo *et al.* (2007) com ênfases presentes no atual recorte estudado, tendo sido também conforme descrito por Schlee *et al.*:

Os espaços livres urbanos constituem um sistema complexo, inter-relacionado com outros sistemas urbanos que podem se justapor ao sistema de espaços livres (sistema de objetos edificados e seu correspondente sistema de ações) ou se sobrepor, total ou parcialmente, enquanto sistemas de ações. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão à circulação e a drenagem urbanas, atividades de lazer, conforto, preservação, conservação, requalificação ambiental e convívio social. O sistema de espaços livres de cada recorte espacial, tanto urbano como rural, pode apresentar um maior ou menor grau de planejamento e projeto, um maior ou menor interesse da gestão pública num ou noutro subsistema a ele relacionado. (QUEIROGA e BENFATTI, 2007, p.86)

Ao serem analisadas, essas características presentes na AP-3 demonstram momentos e maneiras distintas de apropriação por sua população, com usos e conexões diferentes dos tradicionalmente planejados, e acabam por contar parte da história desse lugar. Os sistemas de espaços livres são importantes meios estruturadores da paisagem do subúrbio carioca, cujos moradores encontram nestes uma maneira própria de se relacionarem e de se inserirem no mercado de trabalho, formalmente e informalmente.

A importância de analisar o Sistema de Espaços Livres, nesse contexto, é que eles podem servir como base para futuro planejamento que passe a considerar o caráter determinante que apresentam na vivência e na cultura dos seus moradores. A compreensão de como esse sistema se consolidou se originou a partir da história urbana e nos auxiliou a entender que a ocorrência de novas transformações em partes específicas da cidade pode interferir na ocupação e estruturação de outros espaços considerados periféricos às áreas centrais.

3. O SUBÚRBIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A consolidação do tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro se deu inicialmente na região central, sendo a atual Zona Norte e as demais áreas periféricas compostas por grandes latifúndios resultantes das divisões de terras utilizadas para engenho de açúcar. Segundo Tângari, com o passar do tempo, alguns fatores influenciaram na expansão urbana da Zona Norte.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Dois fatores importantes impulsionaram a ocupação urbana de todo esse território: a administração do Marquês de Pombal, que, na segunda metade do século XIX, confiscou da Igreja Católica e pôs à venda extensas propriedades rurais, e a implantação de ramais ferroviários e de linhas de bonde, na segunda metade do século XIX, levando o transporte regular e barato para os núcleos existentes. (TÂNGARI, 1999, p. 249)

A chegada das ferrovias tem uma particular relevância para a conformação do atual tecido urbano do subúrbio carioca. Com a economia ainda sustentada pela produção de café e açúcar, o transporte a vapor foi uma ótima solução para tornar o escoamento da produção mais eficaz, transportando as mercadorias do Vale do Paraíba, onde se concentravam, para a capital do Império de maneira mais rápida. O transporte, que era realizado por vias marítimas e fluviais, passou no século XIX por grande uma transformação (FRIDMAN, 1999 *apud* MENDONÇA, 2015, p.2).

A implantação das indústrias de forma mais acelerada na segunda metade do século XIX encontrou à época uma malha ferroviária já estruturada capaz de escoar seus produtos de forma independente dos meios marítimos e fluviais, permitindo então a aproximação desse setor industrial aos centros urbanos. Já a reforma urbana liderada por Pereira Passos no início do século XX, que tinha como objetivo adaptar a cidade aos moldes urbanos europeus, foi responsável por um processo de gentrificação onde antigos moradores de classes mais pobres, foram expulsos das áreas centrais, levando-os a ocupar e densificar essas novas áreas ainda periféricas ao Centro. Esta Reforma, no entanto, não previa um planejamento urbanístico para esse subúrbio, gerando uma conformação territorial desorganizada e irregular (FRIDMAN, 1999 *apud* MENDONÇA, 2015, p.2).

Além da explicação histórica que permite compreender a dinâmica territorial da Zona Norte, o fator político econômico também é muito forte, uma vez que a carência de investimentos públicos é presente desde o início da sua ocupação urbana, assim como a população que nela reside. Como afirma Tângari, a “incidência de espaços livres públicos destinados a lazer e recreação é baixa, em relação a outras regiões da cidade, principalmente quando levamos em consideração a dimensão territorial e a concentração populacional local” (TANGARI, 1999, p.276).

4. ANÁLISE DE TECIDOS

A partir de estudo de mapeamento dos tecidos urbanos da cidade do Rio de Janeiro com objetivo de analisar comparativamente suas regiões administrativas, a Área de Planejamento - AP 3 recebeu foco deste estudo. Visando compreender sua conformação atual com base na sua evolução urbana acima citada, a AP3 recebeu investigação específica por se tratar de uma zona de confluência entre a área central do Rio de Janeiro e a de maiores índices de expansão urbana da cidade, apresentando



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



aspectos comuns às duas. É uma área consolidada porém não é central e concentra especificamente o subúrbio ferroviário do Rio de Janeiro, o que a destaca ao analisar o tecido urbano da cidade.

Com base na interpretação de imagens de satélite de alta resolução Geoeye de 2014 foram avaliados atributos que contribuem para compreender aspectos urbanos tais como a densidade urbana incidente, possíveis áreas de expansão, centralidades na escala de influência do bairro e limite administrativo e padrões de ocupação. A compreensão da área de estudo foi possível também através da base bibliográfica disponível acerca da construção da paisagem do subúrbio ferroviário (TANGARI, 1999, FERNANDES, 2011, OLIVEIRA e FERNANDES, 2010, MENDONÇA, 2015).

O método de avaliação se deu por meio de geoprocessamento no programa ArcGis, tomando como base os limites gerados pelas quadras em escala fixa de 1:20.000. Com base no conjunto de conceitos adotados por Eugenio Queiroga (2010) ao realizar carta síntese do município de Campinas/SP, o mapeamento por Região Administrativa da AP3 foi desenvolvido, a partir da categorização descrita anteriormente e pontuada a seguir: centralidade; tecido urbano consolidado; tecido urbano não consolidado; espaços com densa cobertura arbórea; espaços com predominância de forrações; áreas não urbanizadas; espaços livres de uso especial; dunas, praias e corpos d'água.



Figura 1. Mapa de localização da AP-3 como zona de transição.



5. RESULTADOS PRELIMINARES

A Área de Planejamento 3 compreende basicamente a Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e possui extensão territorial de 20349,13 hectares, conforme destaque da figuras 1 e 2.

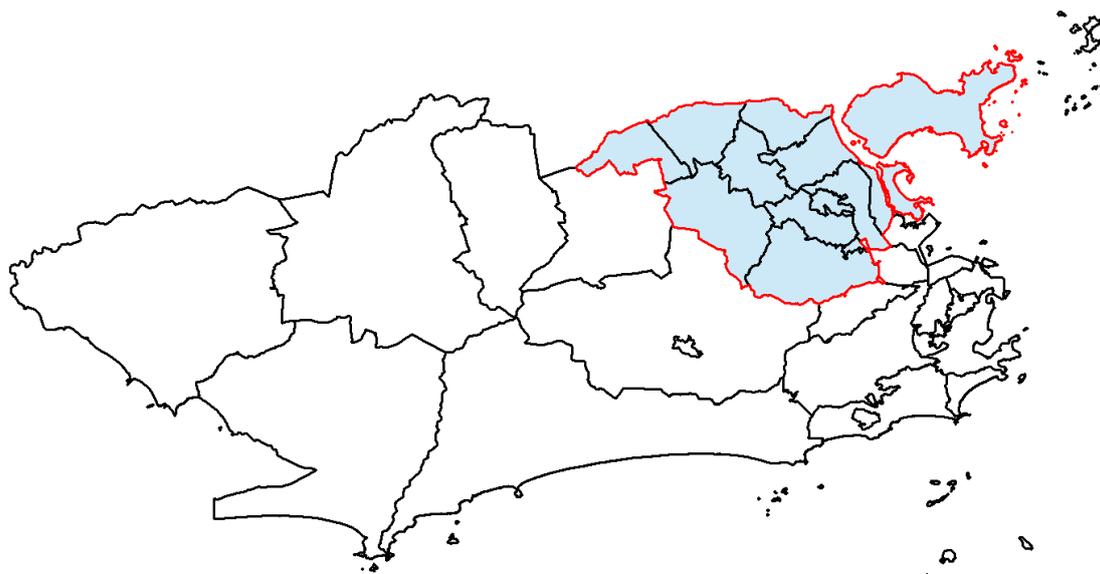


Figura 2. Mapa da cidade do Rio de Janeiro com delimitação da AP-3.
Fonte: Grupo SEL-RJ, 2016.



Figura 3. Divisão em regiões administrativas na Área de Planejamento 3.
Fonte: Grupo SEL-RJ, 2016.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



O recorte de estudo apresenta a maior densidade populacional da cidade, uma taxa significativa de 117,87 hab/ha, de acordo com o IBGE - Censo Demográfico de 2010, com 2.398.572 habitantes em 20.349,14 ha. Por apresentar tecido urbano com alto índice de consolidação, a tendência é a manutenção dessa característica de elevada densidade demográfica.

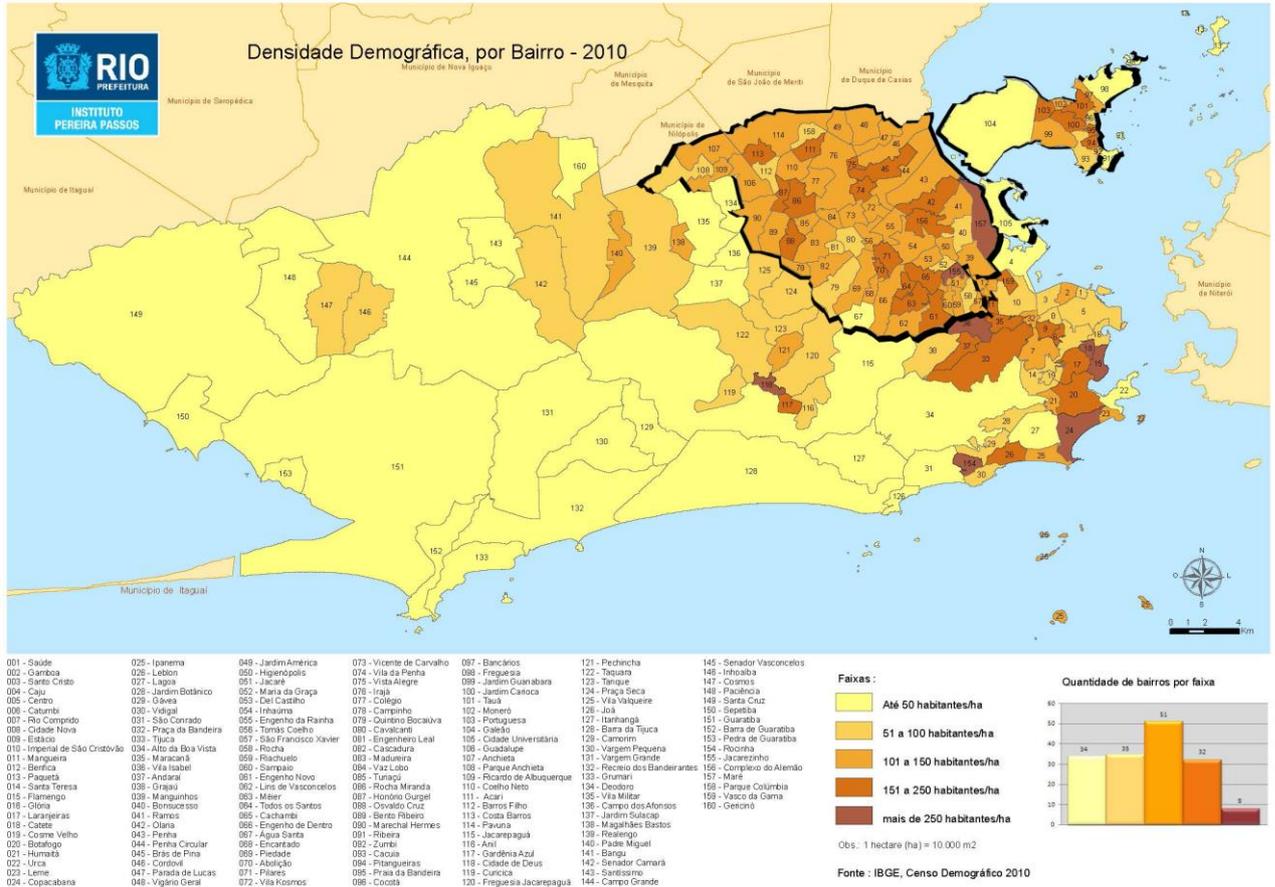


Figura 4. Mapa de densidade demográfica por bairro - 2010 que mostra concentração demográfica significativa na AP3, destacada acima.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas	População residente	Domicílios particulares ocupados	Média de moradores em domicílios particulares ocupados
TOTAL na AP3	2 398 572	792 802	3,03
X Ramos	153 177	51 236	2,98
XI Penha	185 716	58 619	3,17
XII Inhaúma	134 349	44 974	2,99
XIII Méier	397 782	137 616	2,88
XIV Irajá	202 952	69 121	2,94
XV Madureira	371 968	124 482	2,99
XX Ilha do Governador	212 574	71 786	2,95
XXII Anchieta	158 318	51 739	3,06
XXV Pavuna	208 813	66 424	3,14
XXVIII Jacarezinho	37 839	11 368	3,33
XXIX Complexo do Alemão	69 143	21 048	3,29
XXX Maré	129 770	41 750	3,11
XXXI Vigário Geral	136 171	42 639	3,19

Figura 5. Tabela com a população residente nas regiões administrativas da AP3. Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 2010.

Apesar de pequenas diferenças em seu interior, a AP3 apresenta uma forma urbana homogênea com alta incidência de quadras com tecido urbano consolidado e com a maioria das centralidades identificadas relacionadas às vias principais e às linhas férreas, conforme apresentado na figura 3.

Por muito tempo a ocupação horizontal predominou na AP3, correspondendo a uma área densa, porém pouco verticalizada. Como já ressaltado, essa estrutura urbana encontra-se recentemente em processo de mudanças, atraindo grandes interesses imobiliários e tendendo a uma futura verticalização, movimento consequente de sua consolidação predominante.

No entanto, nesses bairros a composição do suporte físico, associada a uma urbanização intensa e de caráter mais popular, não favoreceu a preexistência de espaços livres naturais ou construídos, que ocorrem em menor escala que na zona sul e central e de modo disperso, sendo baixa a incidência de parques, praças e clubes. Observa-se, de forma compensatória, a valorização intensa de ruas e calçadas por parte da população. O conjunto de espaços livres públicos não apresenta, de modo geral, exemplos de porte significativo no contexto da cidade, sendo em sua maioria de caráter local.

Outra característica marcante do recorte em questão é a pouca presença de cobertura arbórea, assim como a predominância de forrações. A AP3 apresenta somente pequena parcela de Área de Preservação Ambiental, localizada entre as RA's Méier e Madureira, e fragmentos de Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana, concentrados entre as RA's Inhaúma e Irajá. Os demais trechos de cobertura vegetal se fragmentam por toda a área de planejamento, principalmente nas franjas de maciços ocupados por edificações irregulares e favelas. Os raros polígonos de tecido urbano não consolidado se localizam sempre próximos de predominância de forrações e cobertura arbórea. Tais polígonos de vegetação rasteira são justamente áreas já processadas e que ainda não



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



foram loteadas, representando territórios passíveis de ocupação. É notória a pouca presença desses elementos, o que evidencia a impossibilidade de um crescimento horizontal dos bairros pertencentes à AP3. Além disso, apesar da análise não abordar uma escala que torne possível a qualificação a distribuição de arborização viária, é possível notar a pouca presença arbórea por toda a extensão do tecido urbano.

O atributo "centralidade" é demarcado com base na análise de centros de bairros em escala da Região Administrativa. Para chegar-se a essa definição, foi levada em consideração para a demarcação das centralidades, a malha viária na escala da quadra e a presença de fluxo viário e ferroviário. As centralidades se apresentam de maneira complementar entre as RA's, acompanhando o sistema de transportes da região (rodoviário e ferroviário). Além de seguir as grandes vias e ferrovias próximas, as centralidades se localizam onde há uma maior concentração de comércio e usos diversos, atraindo usuários e incentivando o fluxo nesses espaços. A importância referencial desses usos para os bairros e a legislação que define os Centros de Bairro (CB's) também foram parâmetros usados no momento de análise desse aspecto.

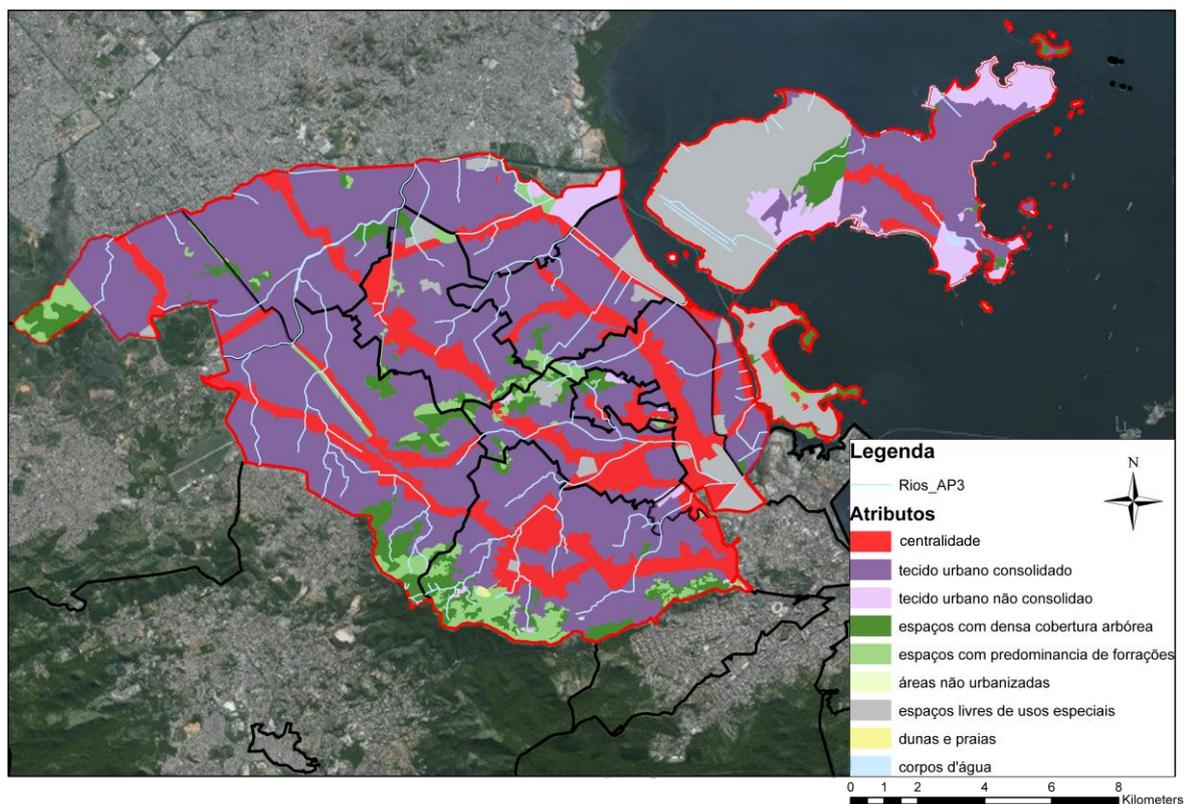


Figura 6. Mapeamento da Área de Planejamento 3 em escala 1:80.000 para visualização das regiões administrativas analisadas e suas conexões.

Fonte: Grupo SEL-RJ, 2016.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

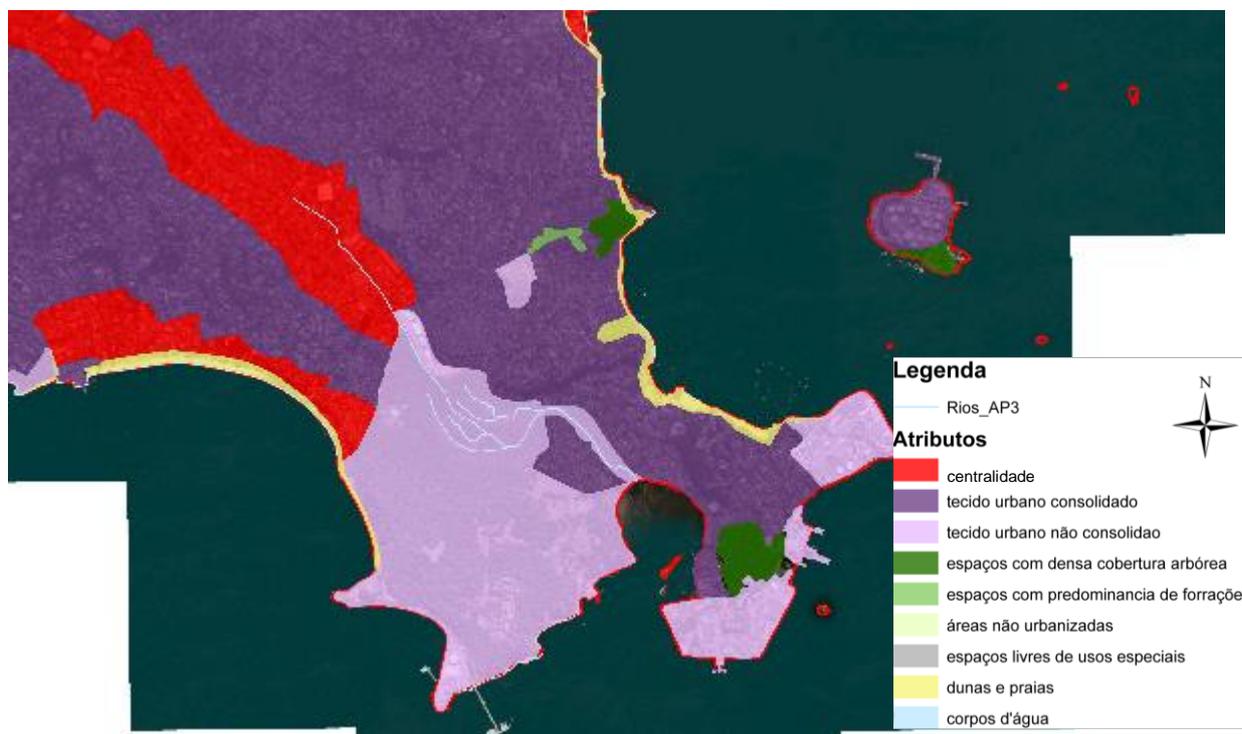


Figura 7. Detalhe na área da Ilha do Governador para observação do caráter dunas e praias em escala 1/20.000

RA XX - Ilha do Governador

Além da prevalência da consolidação do tecido urbano em toda a AP3, cabe ressaltar a RA Ilha do Governador que mais se destaca por uma hierarquização especial de suas características com um tecido heterogêneo. O Aeroporto do Galeão ocupa uma área significativa da ilha, caracterizando um grande espaço livre de uso especial. Da mesma forma, a Cidade Universitária também apresenta uma área significativa de uso especial, não podendo sofrer parcelamento. No entanto, novos parâmetros urbanísticos estão sendo discutidos, que podem gerar mudanças drásticas no tecido urbano da Ilha do Governador. Se for aprovado o Programa de Estruturação Urbana (PEU) da Ilha, essas grandes glebas poderão sofrer mudanças no zoneamento, o que altera a possibilidade de ocupação.

A Cidade Universitária apresenta, além do uso supracitado, espaços com densa cobertura arbórea e espaços com predominância de forrações. Como centralidade, é possível encontrar, por exemplo, a Reitoria da Universidade e o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Em algumas partes do seu perímetro é possível encontrar também a presença de praias, que se encontram impróprias para banho.

Já no resultado da soma dos quatorze bairros restantes da RA Ilha do Governador - Ribeira, Zumbi, Cacuia, Pitangueiras, Praia da Bandeira, Cocotá, Bancários, Freguesia, Jardim Guanabara, Jardim Carioca, Tauá, Moneró, Portuguesa e Galeão -, o tecido é ainda mais heterogêneo, possuindo todos os





itens classificáveis da análise. Além de grandes manchas de espaços com densa cobertura arbórea, encontra-se também tecido urbano consolidado e tecido urbano não consolidado, sendo este último irrisório se comparado ao primeiro. Consta-se, então, que em praticamente todo território passível de parcelamento, esse processo já aconteceu, havendo restritas áreas passíveis de expansão, com exceção das áreas de espaços livres de uso especial que se destacam pela possibilidade de alteração legislativa e consequente mudança da dinâmica ocupacional na região. A sua centralidade é marcada principalmente pela Estrada do Galeão, mas apresenta também um pólo gastronômico, o Parque Manuel Bandeira – dotado de uma UPA, Detran, uma estação das Barcas, pista de skate e quadra de futsal.

RA XIII - Méier

A RA Méier apresenta, quase que em sua totalidade, a consolidação de seu tecido urbano, com exceção para pequenas áreas já ocupadas próximas à APA Serra dos Pretos Forros. São ocupadas, de modo geral, de forma intensiva mesmo com tecidos diferenciados, devido a distintos índices de valorização do solo e as normas urbanísticas. Portanto, seu tecido é mais homogêneo e sua ocupação mais verticalizada, com média de 21 pavimentos.

Além dos caracteres tecido urbano consolidado, espaços com densa cobertura arbórea e com predominância de forrações - devido a atividades antrópicas na Serra dos Pretos Forros -, a RA apresenta uma pequena área de espaços livres de uso especial, o Instituto Municipal Nise da Silveira e raras manchas de espaço livre público sendo este concentrado na APA presente. Sua centralidade é atraída pelo complexo do Engenhão, pela Linha Amarela e pela própria linha do trem e, portanto, configura-se como toda a mancha urbana influenciada por esses elementos.



Figura 8. Detalhe na área do Méier com a classificação do tecido urbano.



RA XV - Madureira

Madureira apresenta características similares à RA Méier em relação a seu tecido urbano, com predominância de consolidação, à pouca distribuição de espaços livres públicos, concentrados na extensão da APA, e ao gabarito médio de ocupação. Sua diferenciação existe por conta de características específicas da RA acerca de sua centralidade. Esta ocorre por todo o prolongamento de duas linhas férreas, Ramal Japeri e Ramal Paracambi com ligação ao Viaduto Prefeito Negrão de Lima e o Mercado de Madureira em confluência.

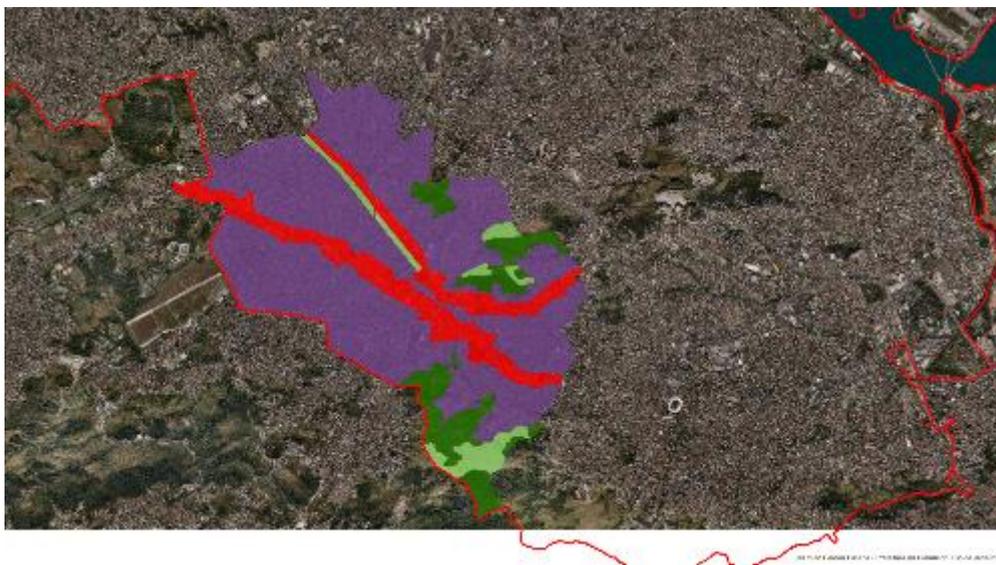


Figura 9. Detalhe na área de Madureira com a classificação do tecido urbano.

RA XII - Inhaúma

Inhaúma não foge à regra de tecido urbano consolidado predominante apresentando características similares, não só em relação ao seu tecido, como acerca da média de verticalização e distribuição de espaços livres públicos, a Méier, assim como Irajá, Jacarezinho, Maré e Pavuna. Sua diferenciação se dá pela presença de duas manchas de caráter espaços livres de uso especial - o Cemitério de Inhaúma e a Pedreira do Engenho da Rainha -, bem como pela conformação de sua centralidade gerada pela interseção entre a Avenida Pastor Martin Luther King Júnior, a Linha Amarela e a Avenida Dom Hélder Câmara - antiga Avenida Suburbana e um dos principais eixos viários da Zona Norte do Rio de Janeiro -, com o Shopping Nova América como confluência.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

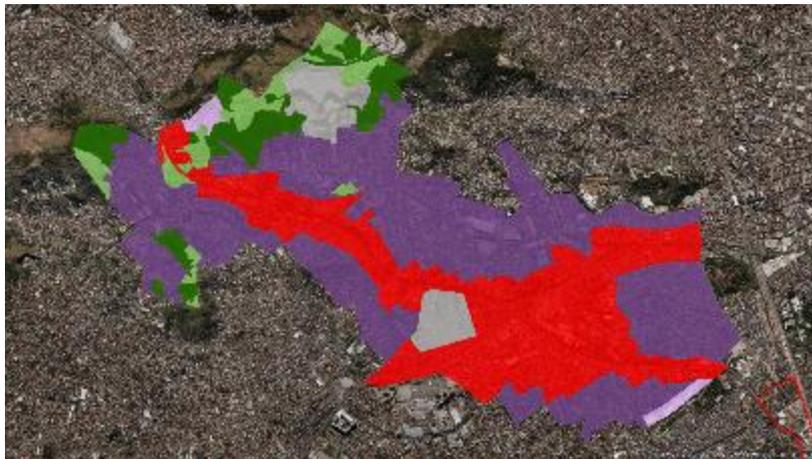


Figura 10. Detalhe na área de Inhaúma com a classificação do tecido urbano.

RA XIV - Irajá

Irajá se difere em poucos aspectos, como a caracterização dos seus espaços de uso especial, sendo estes compostos pelo Cemitério de Irajá e pela DNIT - Superintendência Regional do Rio de Janeiro.

A sua centralidade, assim como a maioria das demais RAs ocorre ao longo das vias principais, sendo elas a Avenida Brasil e a Avenida Pastor Martin Luther King Júnior. Alguns equipamentos urbanos ao longo dessas vias também configuram centralidade, como o Ceasa de Irajá, o Atacadão Auto Clube e o Carioca Shopping.



Figura 11. Detalhe na área do Irajá com a classificação do tecido urbano.

RA XXVIII - Jacarezinho

Esta RA se difere não só por sua natureza física e de posterior origem, por se tratar de uma grande favela com 37.839 residentes que compõe sozinha a região administrativa, como por apresentar uma mancha de tecido urbano não consolidado que ocupa quase 50% de sua totalidade. Isso se dá pela desativação da antiga fábrica da General Electric que ocupa uma grande gleba atualmente sem uso, o que torna possível seu futuro desmembramento. Sua centralidade é conformada pela extensão da





antiga Avenida Suburbana - Avenida Dom Hélder Câmara - com a adição da área que envolve os grandes lotes institucionais da RA, como a Creche Municipal Geralda de Jesus, a Clínica da Família Anthidio Dias da Silveira e o CIEP Vinicius de Moraes.



Figura 12. Detalhe na área do Jacarezinho com a classificação do tecido urbano.

RA XXIX - Complexo do Alemão

O tecido urbano do Complexo do Alemão é predominantemente consolidado por uma ocupação irregular de encosta, as suas duas pequenas manchas não consolidadas correspondem ao Morro do Sapo mais ao norte e parte do Morro do Adeus ao sudeste. A legislação permite um gabarito de até 21 pavimentos, mas a sua configuração real apresenta em média um padrão de 3 pavimentos por conta da situação precária e de risco que se encontra.

De acordo com a Legislação Bairro a Bairro da cidade do Rio de Janeiro, a sua centralidade está indicada ao longo da Estrada do Itacaré, soma-se, no entanto, uma extensão para o Morro do Adeus pela presença do teleférico do Alemão. Pela análise dos espaços livres é possível perceber a ausência de praças, parques, canteiros e ilhas viárias, além de uma predominância de até 30% de espaços livres, as áreas que apresentam acima de 50% de espaços livres se encontram em áreas de cota de nível mais elevada, o que dificulta a ocupação.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 13. Detalhe na área do Complexo do Alemão com a classificação do tecido urbano.

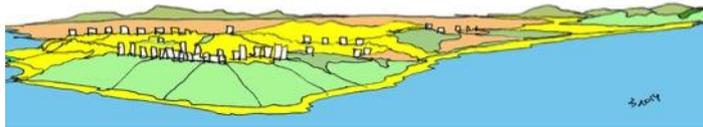
RA XI - Penha

A Penha se destaca por uma área reservada à Marinha - CIAA, Centro de Instrução Almirante Alexandrino e o CEFAN, Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, por exemplo - em conjunto com a gleba da Universidade Castelo Branco que, juntas, formam a relativa grande mancha de espaços livres de uso especial. Sua centralidade se dá por dois eixos, o da Avenida Brasil, que passa rente a tal mancha, e o do encontro entre o Corredor de ônibus TransCarioca, na Avenida Braz de Pina com a própria linha férrea de estação Penha Circular, incluindo o Parque Ari Barroso, relevante espaço livre público de centro de bairro. Além deste, a Praça Panamericana é o único outro espaço livre público na região administrativa que apresenta baixo percentual de espaços livres públicos. Ademais, sua legislação admite gabarito mais baixo que as demais RAs analisadas, com até 9 pavimentos, o que ressalta sua horizontalidade.



Figura 14. Detalhe na área da Penha com a classificação do tecido urbano.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



RA XXXI - Vigário Geral

O Vigário Geral também apresenta um tecido urbano predominantemente consolidado, com pequena incidência de espaços livres, sendo estes classificados principalmente como canteiros e ilhas viárias. A sua centralidade, como ocorre em outras RAs, se apresenta ao longo da Avenida Brasil, concentrando grande fluxo de comércios e atividades.

Encontram-se duas manchas não consolidadas a direita desta RA, sendo ocupadas pelo depósito ARM-Rio, pelo Centro de Reparos e Suprimentos da Marina, pelo Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão e Centro Tecnológico do Corpo de Fuzileiros Navais. Já ao Norte, uma Estação de Tratamento de Esgoto é classificada como um espaço livre de uso especial.



Figura 15. Detalhe na área de Vigário Geral com a classificação do tecido urbano.

RA XXX - Complexo da Maré

Apesar de sua volumetria geral similar à predominância da AP3, a RA Maré também apresenta manchas de espaço livre de uso especial devido a presença de área reservada ao Exército, entre a Avenida Brasil e a Avenida Brigadeiro Trompowski, e da gleba destinada ao Centro de Transporte Logístico da Aeronáutica. Sua centralidade, por sua vez, toma tais manchas como ponto de partida e se estende pela Avenida Brasil e sua ocupação periférica, e se conecta a outras duas vias de grande importância na questão da mobilidade no Rio de Janeiro, a Linha Amarela e a Linha Vermelha.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 16. Detalhe na área do Complexo da Maré com a classificação do tecido urbano.

RA XXII - Anchieta

Anchieta se difere em poucos aspectos em relação às demais RAs da AP3. Seu tecido urbano completamente consolidado apresenta uma pequena incidência de espaços livres. Sua centralidade também se apresenta ao longo das principais vias da região, a Estrada Marechal Alencastro e a Rodovia Governador Mario Covas. Esta RA também abriga um espaço livre de uso especial, o Cemitério de Ricardo Albuquerque.



Figura 17. Detalhe na área de Anchieta com a classificação do tecido urbano.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhos anteriores e realizados pelos pesquisadores do Grupo SEL apresentam suporte para a análise iniciada neste artigo. Como parte da proposta de pesquisa e comparar as situações existentes sobre forma urbana e espaços livres nas Regiões Administrativas da cidade, planejam-se como primeiros desdobramentos; a distribuição e classificação do sistema de espaços públicos; a incidência de arborização nos espaços livres públicos e privados; padrões de distribuição de renda; padrões e valorização do solo urbano.

Com base nesses estudos complementares, objetiva-se identificar os setores urbanos passíveis de ocupação, os setores urbanos passíveis de verticalização, os setores com maior valorização do solo e maior concentração de renda, e melhor distribuição de espaços livres públicos e arborização, permitindo subsidiar futuras simulações de ocupação do território, segundo as características da legislação urbanística vigente e suas modificações.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos auxílios concedidos pelo CNPq, FAPERJ e UFRJ para o desenvolvimento da pesquisa e elaboração desse artigo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O raptó ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858 / 1945**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FRIDMAN, Fania. **Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Garamond, 1999.

MACEDO, Silvio S, CUSTÓDIO, Vanderli, GALLENDER, Fanny, QUEIROGA, Eugênio e ROBBA, Fabio. Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil. In TERRA, Carlos e ANDRADE, Rubens. **Coleção Paisagens Culturais**, vol. 3. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2007, p. 286-297.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. **Espaço livre - objeto de trabalho**. Paisagem Ambiente, São Paulo, n. 21, p.175-197, 30 jun. 2006. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>>. Acesso em: 21 de junho 2016.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



MENDONÇA, Bruno R. E. **Quando a linha vira praça: a construção da paisagem do subúrbio ferroviário carioca.** Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio de Janeiro em andamento. FAU-UFRJ, 2015.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de, FERNANDES, Nelson da Nóbrega (Org.). **150 anos de subúrbio carioca.** Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj; EdUFF, 2010.

QUEIROGA, E. F, BENFATTI, D. M. *Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico.* **Paisagem e Ambiente:** ensaios. São Paulo: FAUUSP, n. 24, p. 81-87, 2007.

QUEIROGA *et al.* **Espaços livres e esfera pública na metrópole contemporânea: A região metropolitana de Campinas-SP.** In: CAMPOS, Ana C. A.; QUEIROGA, Eugênio; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena N.; AKAMINE, Rogério; MACEDO, Silvio S.; CUSTÓDIO, Vanderli. *Quadro dos Sistemas de Espaços Livres nas cidades brasileiras.* São Paulo: FAUUSP, 2012, p. 171-195.

SCHLEE, Mônica Bahia; ANDRADE, Rubens de. (org.) **Sistema de espaços livres: o cotidiano, ausências e apropriações.** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ-PROARQ, 2009, p. 16 – 27.

TÂNGARI *et al.* **Morfologia urbana, suporte geobiofísico e o sistema de espaços livres no Rio de Janeiro-RJ.** In: In: CAMPOS, Ana C. A.; QUEIROGA, Eugênio; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena N.; AKAMINE, Rogério; MACEDO, Silvio S.; CUSTÓDIO, Vanderli. *Quadro dos Sistemas de Espaços Livres nas cidades brasileiras.* São Paulo: FAUUSP, 2012, p. 195-240.

TÂNGARI, Vera R. **Um outro lado do Rio.** Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. FAUUSP, 1999.

